

# O TEMPO DE EÇA E EÇA E O TEMPO

*Eduardo Lourenço*

*Toute l'histoire du monde  
ne me paraît souvent rien d'autre  
qu'un livre d'images reflétant le désir le plus violent  
et le plus aveugle des hommes: le désir d'oublier.*  
Herman Hesse – *Le voyage en Orient.*

A Arte é tudo porque só ela tem a duração,  
tudo o resto é nada.  
Eça de Queirós – *Notas Contemporâneas.*

Como sabemos, Eça de Queirós ainda entrou neste século. Embora se tenha detido no seu primeiro degrau, soube que outro século começara não apenas na ordem convencional da cronologia, mas de um outro tempo. Ou melhor, um *tempo-outro*. Já na última década da sua vida — tão abreviada como a de Antero e Oliveira Martins — tivera plenamente consciência que o *seu tempo*, o da plenitude dos seus sonhos, da sua utopia pessoal e até o mais “intemporal” da sua obra, se havia misteriosamente transformado. Não se reconhecia, ele, tão sensível à exterior fosforescência de uma sociedade que em cada manhã mudava de rosto arrastada por uma vertigem ao mesmo tempo fascinante e demoníaca, na atmosfera *fin-de-siècle* onde se respirava um ar tão diverso do da sua juventude. Sobretudo, o *seu tempo* parecia cansado de si mesmo e refluía — mesmo nele — para um “algures” que não era revivalismo de sonhos heróicos, social ou literariamente motivantes como os da sua mitologia juvenil, de filho de Proudhon e do rei Artur, mas espaço de indiferença ou de declarado desdém por aquela visão do mundo que, melhor do que ninguém, encarnara na *Legenda dos Séculos* de Victor Hugo, sua paixão e referências jamais extintas, como dirá por ele, afetando ironia, João de Eça. Quer dizer, uma visão da Humanidade redentora de si mesma e guiada na sua viagem atormentada por aquele “instinto de luz” de que falava Antero.

Essa visão devia traduzir-se no plano da História e das suas lutas, pelo triunfo da justiça e a instauração de um reino de fraternidade, simbolicamente anunciado pelo Cristianismo, embora o catolicismo o tivesse contaminado com a tentação do poder e da glória terrestres. Ora, a religiosidade do seu “fim de século”, ou antes, a sua equívoca misticidade, assumia-se como evasão pura, não para *passados* idealizados da Humanidade como no Romantismo — embora também essa herança fosse retomada — mas para tempos, literalmente falando, *fora do mundo*. A voga extraordinária de toda a espécie de esoterismos, ocultismos, orientalismos, espiritualismos, espiritismos, emergia assim à superfície de um século que renovara materialmente a face da Terra, que vira os feitos práticos do conhecimento científico moderno como os Koch, os Pasteur, os Claude Bernard no campo da medicina e da biologia, ou da tecnologia com os Goodyear, os Siemens, os Bell e os Edison, e encontrara no Positivismo o seu discurso de justificação filosófica e popular e no reconhecimento institucional de disciplinas como a química, a física, as ciências naturais, a sua consagração.

A ciência experimental não foi apenas um tipo de conhecimento que mudou radicalmente o modo de vida do século XIX e condicionou toda a sua visão do mundo e, de maneira complexa, mas irresistível, a estrutura do seu imaginário. Foi a sua religião. A figura do *sábio* — que coincide ou não com a do inventor — distinta da do *filósofo* se este não é também “homem de ciência” ocupa naquelas culturas onde a criação científica tem uma expressão social proeminente — na Alemanha, na Inglaterra, na França — o lugar que a alta Idade Média reservara ao teólogo. Não é sem importância constatar que esta figura não comparecerá na ficção de Eça senão sob a forma da vealidade, do sonho diletante de Carlos da Maia. O discurso da verdade — aquele digno de ser tido como tal — como o declarou um representante típico dessa nova espécie de homem, Marcelin Berthelot, é o da Ciência: “Não há mistério para o olhar que a Ciência pousa sobre o mundo”. Tudo o resto é sobrevivência de saberes teológicos ou metafísicos que estão para o verdadeiro conhecimento como a alquimia está para a química. No fim do século chamar-se-á cientismo a esta idolatria da Ciência, mas isso em nada alterou o seu impacto revolucionário sem precedentes na transformação da sociedade ocidental, até então rural ou mercantil, em sociedade organicamente industrial.

Sobretudo a partir de 1876, no momento em que a geração de Eça toma consciência de si mesma e do mundo que a cerca, como sociedade de massas. É o triunfo da turba e como tal será apercebido, sem entusiasmo, aliás. Tudo quanto caracteriza hoje, noutro ritmo e com outra potência, a nossa atual civilização, já é visível e está presente no tempo em que o autor de *Os Maias* viveu, constituindo o pano de fundo da sua experiência vital e cultural. Isto é sobretudo exato para quem não viveu esse tempo como específico tempo português — o que foi o caso de Eça de Queirós — pois o nosso não era ainda o de uma “sociedade de massas”, nem de revolução científica, e só o foi lá fora, com propriedade, no fim do século, nas grandes metrópoles. No fim da sua vida, como espectador interessado e implicado nela, o autor de *A Cidade e as Serras* foi já contemporâneo dessa sociedade massificada que não era mero

fenômeno quantitativo, mas *qualitativo*, pois alterou o estatuto dos indivíduos na sociedade e, em particular, o estatuto real ou simbólico de que os artistas e os *intelectuais* gozavam e de que os representantes da *Geração de 70* são, entre nós, a mítica e quixotesca expressão. Mas só Eça foi realmente, na vida e na imaginação, o habitante desse *novo* mundo.

Contrariamente à impressão que nos transmitem não só as obras como as vidas de Antero e de Oliveira Martins — apesar deste último nos parecer também contemporâneo de si mesmo sob muitos aspectos — só na obra de Eça, graças ao seu extraordinário mimetismo cosmopolita, nós temos a sensação de viver com ele e através dele *o tempo* próprio da segunda metade do século. Século que não foi apenas o da mudança de ritmo na civilização material e de costumes exteriores mas, sobretudo, um tempo que era, ele mesmo, nova visão do mundo, instalando-nos num presente que se sabia e se dizia *civilizado* e *moderno*. Ou melhor, que se inventava como *Modernidade*. É nesse tempo novo que a obra de Eça de Queirós nos instala, de maneira sensível, com uma nitidez e uma familiaridade, por assim dizer, não só mágicas, mas propriamente *míticas*.

A temporalidade única desse momento histórico vital, cultural, está impressa, infiltrada no tecido da sua ficção e alimenta como sangue escrito cada linha do seu texto. Em termos cronológicos, nem Camilo, nem mesmo Júlio Dinis viveram num tempo e, sobretudo, num tempo *português*, muito diverso do de Eça de Queirós. O mundo de *Uma Família Inglesa*, na sua tranquila visão provincial, é um mundo bem aderente ao seu tempo oitocentista, sem tentações morbidamente melancólicas como o do romantismo, nem pulsões, ao mesmo tempo utópicas e autodestrutivas, como o de Eça. O tempo de Júlio Dinis não está imune às mudanças e aos conflitos de uma sociedade em plena ruptura consigo própria, mas não reflete mais do que aquilo que nela havia de novo numa ótica placidamente burguesa e ironicamente sentimental. Nele encontramos já uma consciência sensível da temporalidade romanesca. Contudo, tanto esse tempo, como o de Camilo, são ainda como um rio que se espraia ou precipita, pano de fundo onde se recortam destinos, com as suas peripécias dolorosas ou festivas, com seus desenlaces felizes ou naufrágios, um rio que desliza naturalmente, para a sua foz. O tempo é *onde* se vai e onde se está, por analogia com o espaço. Como tudo o mais, o tempo, mesmo o mais negro, não escapa à ordem da Providência.

O sentimento de precariedade do destino, a percepção dos acontecimentos como intrinsecamente afetados pelo tempo não precisava de ser descoberta: constitui o fundo imemorial da expressão lírica ou trágica da existência. O romantismo de nada mais viveu que da consciência exacerbada da existência como tempo, sem refúgio clássico na Eternidade, ou da fuga titanésca para diante configurado num tempo redimido como *Avenir*, que não é mero futuro, mas tempo de gloriosas plenitudes. A ficção de Eça de Queirós conserva as marcas desta vivência do tempo próprio do romantismo, não apenas como obra fascinada pela tentação, mal disfarçada pelo seu caráter paródico, de se instalar em épocas onde tudo era ainda como que imune à desilusão dos tempos modernos ou, ao contrário, de se imaginar alegoricamente, em tempos

— lugares utópicos, como sucedâneos de sonho do velho e para sempre perdido Paraíso. Mas a vivência do tempo que estrutura a sua visão do mundo, aquela que a temporalidade romanesca encarnará de maneira inédita entre nós, releva da crítica e do naufrágio da ilusão romântica de um tempo ainda afetado de conteúdo transcendente.

Não são os relógios, agora atentos à premente pressa dos homens, nem o relógio cósmico de Deus que *contam* o nosso verdadeiro tempo. Para ser claro, o Tempo, quer no sentido mais abstrato, quer na sua configuração enquanto *tempo da História*, quer sobretudo como tempo humano, não tem outra *essência* que a da *temporalidade* imanente de nossa vida, dos seus atos, dos seus sonhos. Mas em Eça de Queirós — o Eça de Queirós *original* — essa vivência comporta uma temporalidade mais insólita, a do *hiato*, tempo suspenso, vazio ou esvaçado. Em suma, aquela temporalidade que se exprime no tédio, na monotonia, no não tempo no interior do tempo. Eça de Queirós, debaixo da aparência de ficcionista da vida real, da sociedade burguesa e do teatro passional por ela determinado, nos seus aspectos triviais ou nos seus mecanismos grotescos, quer dizer, repetitivos — a exploração do *cliché* linguístico traduz como nada mais a essência de uma temporalidade *sem interioridade* nem invenção, como um tempo vivo a exigiria — foi fundamentalmente o romancista desse tempo *parado*, desse longo bocejo do ser que sob a forma satírica significava que o tempo — o tempo antigo — não só *saíra dos seus gonzos* como o de Hamlet, seu personagem paradigmático, mas deixara de ter *sentido*, quer dizer, um conteúdo assumidamente inteligível.

Como na visão do mundo de Dante, há vários círculos na expressão do Tempo na obra de Eça de Queirós. A mais exterior é a que integra a idéia-imagem de um tempo histórico dilatado primeiro pelas descobertas arqueológicas do século, as de Champollion e de Schliemann ou de Renan, mas igualmente pelo conceito darwinista da Evolução que, mais além do puro horizonte histórico, põe em causa o lugar do homem no antigo plano da Criação. Este alargamento temporal — que é no plano da mitologia e da memória cultural do Ocidente, desatualização da cronologia e da mitologia bíblicas como até então se compreendiam — importam menos à Geração de 70 e, em particular, a Eça de Queirós, como revolução epistemológica, do que como dado estético, pretexto para viagens fantásticas ou fantasistas nesse tempo — espaço dilatado, como seria o das *Memórias de um átomo* se tivessem sido mais do que ficção diferida ou o do *Mandarim*. Pouco importa que numa célebre discussão de *Os Maias*, ainda e sempre no estilo das paródias e disputas boêmias de Coimbra, um dos personagens conclua o debate sobre a Evolução com um brutal e bem português veredicto: “Darwin é uma besta”. As doutrinas de um dos homens-chave da visão moderna da Humanidade impressionaram, como é sabido, a fantasia queirosiana. O tempo novo aberto com a hipótese da Evolução deu-lhe a idéia de viajar desde a Origem (ou para a Origem) pelo interior da Vida, como Woody Allen no interior do fantasma do corpo feminino erotizado. Esse percurso desde o átomo original até o átomo consciente de si é o que Eça-Eça deseja ficcionar para evocar o inevitável: o que nos prende aos começos e, paradoxalmente, nos confere em termos de passado inconsciente

a eternidade perdida que o ser filho de Deus nos concedia outrora de mão beijada.

Uma das maiores originalidades de Eça foi tratar ou integrar na sua ficção as questões mais graves e candentes da sua época a propósito dos casos mais superficiais ou mundanos. Primeiro do que ninguém — e até hoje sem sucessor — ele conferiu à mundanidade um estatuto senão de sublimidade pelo menos de sedução. No divertido texto sobre *Almanaques*, o já então autor de *Os Maias*, texto que é uma obra-prima de publicidade e de humor, como quem fala de outra coisa, aflora, como raramente o terá feito, não a sua filosofia, mas a essência depurada da sua visão e vivência do Tempo. Entre outros benefícios, escreve Eça, o Almanaque — repositório de conhecimentos úteis e de ciência fácil — tem “o incomparável benefício de nos tornar o tempo visível e como que palpável”. Como? Aprisionando-o na rede luminosa das datas, contando-o, nos dois sentidos do termo, para que, por esta simples operação, a Realidade — toda a realidade, a Impérios e a quotidiana — não resvalém no Nada. “Consideremos que um dia esquecido não registrado no Almanach seria absolutamente como um negro pedaço de Não-Ser por onde um pedaço da nossa vida se afundaria, se iria ao Nada”. E mais longe: “É a certeza da data que imprime realidade às coisas que, sem essa certeza encarnadora, apenas passadas, se desfariam na diafanidade e impalpabilidade do Tempo”.

É em passagens como estas e não nas juvenis declarações de princípio, demasiado tomadas à letra por ele, mas sobretudo por muitos dos seus comentadores, que melhor se apreende que espécie de *realismo* é o seu e que monstro teve que vencer ou contra quem lutou para *subtrair justamente* a realidade — a vida real — a essa força de dissolução e de desilusão que é o Tempo. “Todo o tempo, mas sobretudo, este novo tempo das mãos de Deus, se aceito como elemento de purificação”, diz ainda Eça nesse texto admirável, “permite que não nos percamos com armas e bagagens na vacuidade intrínseca do Tempo. Se não tivéssemos esse paradoxal poder de datar — ou de relatar na sua minúcia inútil e sublime — o tempo que passa, não existiríamos.” Noutro registro: “se não tivéssemos o poder de lembrar — e esse poder em todo o seu enigma chama-se *escrita* — não existiríamos. Todo o nosso viver consiste num rolo de sonhos que se vão desprendendo de nós, fugindo para trás como o fumo de uma tocha que corre, depressa adelgaçados, logo esvaídos”.

De todos os grandes homens da Geração de 70, ninguém teve como Eça um sentimento tão visceral, carnalmente vivo, da inanidade da vida. E só não o compreende quem não vê nessa tentativa *nilista* que por comparação com a de Pessoa designarei de *melancólica* e não *negra*, a outra face da sua pulsão sensual, dionisiaca, como outra não se conhece (mesmo a de Garret), com tão esplendorosa tradução no nosso imaginário. Eça de Queirós foi, como talvez só Camões o tenha sido para o seu tempo, um grande consumidor de alimentos terrestres, e fantasmas da imaginação alheia, de mitos culturais, de ícones históricos, de legendas, de tudo que em qualquer ordem, a Beleza — desejo redimido pela forma — forneceu à sua fome de ficção e mitificação inatas. Tudo lhe foi tema e motivo para glosa e re-criação. A literatura como imaginário constituído foi sem dúvida, e é assim para todos os escritores, a fonte

das fontes. E como poucos autores ele exaltou, louvou e encareceu, a água que bebeu e transfigurou na sua luminosa escrita: Balzac, Flaubert, Baudelaire, Hugo, Renan, mas também Dumas e outros chamados menores. De certo, esse imaginário foi para ele veículo de sonho e íntimo obstáculo. Mais livre e abundantemente se serviu do imaginário histórico, ou antes, da História como imaginação presente, espécie de Disneylândia verdadeira onde abundantemente colheu, se não inspiração — no sentido romântico do termo — mitos da mais variada espécie para realizar, por contraste ou por sublimação, a humanidade ostensivamente pouco-heróica ou irremediavelmente medíocre da sua conhecida galeria romanesca.

A História serviu-lhe um pouco como a Mitologia para Camões. Recentemente, Carlos Reis chamou com pertinência a atenção para as relações íntimas entre Ficção e História em *Eça de Queirós*. É na verdade um assunto apaixonante. Aqui só o evocamos para entrar no terceiro círculo da temporalidade queirosiana, esse que tem na História a sua expressão. Eça percebeu que a História — no seu tempo, a de Michelet, de Burkhardt, do seu amigo Oliveira Martins — era, na sua essência, já Ficção. Ficção mítica. E que só pecava quando, ultrapassando a sua capacidade de recriar e, sobretudo, de compreender a motivação das grandes ações humanas, individuais ou coletivas, digamos, a esfera moral, se imaginava, a sério, romance, *romance* de que ele era o consciente cultor por voluntário sacrifício do romanesco romântico e respectiva ficção. Daí a sua pouco caridosa *charge* contra o amigo Oliveira Martins, recordando Nuno Álvares a passar a mão, pensativo, pelo queixo: “Estavas lá? Viste?” Como se sabe, Oliveira Martins apreciou pouco a graça. O humor, com os amigos, sobretudo os que não têm, como era o caso do nosso grande mitólogo, tem os seus limites. Era uma objeção que o autor da *História de Portugal* não podia fazer a Eça, a de se servir com desenvoltura da História. A História foi uma das grandes musas — não a primeira — de Eça. A História, com a sua nova temporalidade, vasto repositório de maneiras de ser da humanidade no curso, agora já imenso, dos séculos, provocou em Eça a espécie de vertigem que o espaço antevisto como infinito dera a Pascal dois séculos antes. Vertigem, mas também, sedução. O tempo da História teve para Eça o mesmo papel que a percepção da diversidade dos comportamentos humanos, das sociedades, teve para a etnografia e a sociologia comparadas do século XIX. A isso — além da sua imensa curiosidade e incomparável abertura de espírito, única na sua geração — deveu Eça a sua compreensão do outro, um pouco do seu cepticismo, mas muito ou tudo, da capacidade de subversão — por vezes inconsciente — com que rindo ou sorrindo, desestruturou nos seus fundamentos o olhar português, não apenas em superfície, mas radicalmente, como ordem moral de que era a inocente expressão até à sua vinda.

Nem a ironia de Eça de Queirós se pode reduzir apenas à sua componente provinciana, tal como Pessoa a descreveu, nem o seu realismo à mera matriz culturalista — sociológica, responsável pelo seu reflexo anti-romântico. A verdade que há nestas opiniões, parece-me sem leitura ou sem alcance útil, se a abstraímos deste pano de fundo da sua visão dos tempos, que era bem mais profunda e foi, em termos do imaginário, mais fecundo, que a do seu amigo

Teófilo. Esses três círculos de inscrição mítica do Tempo — cósmico, natural, histórico — e a natureza das temporalidades que lhes são próprias parecerão exteriores ou de longínqua influência sobre aquela espécie de temporalidade propriamente ficcional, literária, que é tida como a grande originalidade do romance queirosiano. Até parecerá que o tempo longo ou o sentimento de amplitude dessas temporalidades se coaduna pouco com a lentidão, o escoamento sensível da ação — ou da inação — que tanto contrasta com os tempos ficcionais de pura sucessão sem duração de Camilo, por exemplo, ou de duração ludicamente manipulada, de Machado de Assis. Mas essa espécie de expansão narrativa do tempo — realidade lenta, simples extensão de um presente ou sucessivos presentes, universo que dura por não ir para lado nenhum, a não ser como forma de um tempo intrinsecamente vazio — só adquire essa paradoxal espessura que é a dele, visto de Sirius. Quer dizer, dessas temporalidades exteriores que subdeterminam a ficção realista de Eça de Queirós. Inscrita no tempo universal — tempo aberto, sem Criação nem *Big Bang*, nem Apocalipse, a História Universal é um acidente ontológico e, para a imaginação, um continente desolado só povoado pela fantasia. Por sua vez, as Histórias particulares, nas suas hierarquias — que são ainda as do Poder e da Glória — determinam o lugar da nossa história portuguesa — que, na ficção de Eça, como para toda a Geração de 70, foi gloriosa e agora é decadente.

Tal como a nossa sociedade, vista de outro tempo social — o da civilização digna desse nome — é pobre, medíocre, atrasada e sem dinamismo — quer dizer, sem tempo que vá para algum lado. Visto destes círculos altos e amplos como os céus ptolomaicos para Camões, o nosso tempo próprio só podia ser o de liliputianos para Gulliver e a percepção dele, englobando a sociedade e os indivíduos, divertida, satírica ou mesmo grotesca, como o sublinhou tão bem Ofélia Paiva Monteiro. Mas essa visão burlesca dos homens — em particular na sua versão pátria, é um pouco, como a do cômico de Molière, o reverso de um outro olhar, bem mais profundo, o de alguém que ousou olhar de frente, contemplar, embeber-se na realidade mesma do visível, do sensível, do audível, quer dizer, do efêmero para recolher nele e através dele, o perfume sublimado da vida.

Num curioso artigo, por ser o de um grande romancista para quem o autor de *Os Maias* foi referência maior, o meu amigo Vergílio Ferreira, escreveu, ecoando outros juízos: “Eça via mal, porque só via o que se via bem. A sua ótica é que lhe dava um mundo em superfícies nítidas, batidas de uma luz viva”. Na sequência de outras considerações — e por comparação com Pessoa — exclui-o do trágico moderno, o que não pode ser escamoteado nem com riso, nem com ironia. No fim dessa, a tantos títulos, instrutiva revisitação de Eça, Vergílio Ferreira o põe no rol dos “antepassados”, dos que se afastam de nós. Felizmente não o faz sem antes confessar quanto é sensível — apesar da sua crítica à ironia de Eça, e à visão “otimista” de que ela se alimenta segundo o autor de *Para Sempre* — ao tom de melancolia que o aproxima dele, em particular, o das páginas de *Os Maias*. E aqui nos encontramos. Nada mais quis dizer nesta já longa divagação. Melancolia, aquilo que nos fica entre os dedos quando o esplendor das coisas reais e visíveis se escoia ou confunde com o

diáfano Tempo, sócia do Nada. Foi sempre sob esse pano de fundo, desse intenso sentimento de fugacidade de todas as coisas e de tudo, suspenso unicamente da irreal magia de salvar, escrevendo, esse esplendor do mundo visível corroído pela Morte, que Eça se viveu e foi vivido.

Bem antes de Pessoa, seu herdeiro extra-lúcido e cego diante da realidade grosseira que transfigurará como um diamante, Eça viu como um danado. *Realista* para Eça de Queirós, não foi apenas uma simples etiqueta que jovem e, por moda cultural, ele mesmo se atribuiu. Foi uma vocação, ou antes, um dom. Ele sabia olhar, mas também ouvir — através das suas palavras, dos seus “tics” expressivos, as personagens fazem o seu auto-retrato. O que ele viu, observou, tantas vezes divertido, mas sobretudo com transcendente distanciamento, como se o seu olhar fosse o de ninguém, constituiu um acontecimento sem precedente entre nós. Decerto, este distanciamento não atingiu um grau incomparável de Flaubert, seu mestre, mas para um português representava, porventura, um milagre mais imprevisto. Porque contrariava, séculos de derramamento subjetivo, muitas vezes sublime, destinado, consciente ou inconscientemente, a nos subtrair ao mundo antes daí penetrar. No tarde, no fim da sua curta vida — literariamente tão intensa — Eça de Queirós, cedeu também ao reflexo de evasão, de fuga diante de um mundo real onde os sonhos tinham tanta dificuldade em encarnar. Mas antes, como em *O Crime do Padre Amaro*, no *Primo Basílio*, n’*Os Maias*, a vontade de apreender o mundo na sua espessura, na sua opacidade, mas também na sua presença quase irreal, fonte dos desejos mais informuláveis, tinha aprisionado a essência do seu tempo e do seu espaço em quadros imaginários, que nós podemos revisitar à vontade, graças à exclusiva magia de um pintor que se perdeu — e salvou — de corpo e alma inteiros, na sua pintura.